



ABRUEM

# Informativo da Associação

Ano XXVII - 582 - Brasília, 11 de março de 2026.

## **REUNIÃO MENSAL DA ABRUEM OCORRE EM 11 DE MARÇO EM FORMATO VIRTUAL**

### **REUNIÃO ADMINISTRATIVA DA ABRUEM**

A Associação Brasileira de Reitoras e Reitores das Universidades Estaduais e Municipais realizará, no próximo dia 11 de março, às 14h, sua reunião mensal em formato virtual. Estarão presentes reitoras, reitores e representantes das universidades associadas.

O encontro tem como objetivo discutir pautas institucionais e alinhar ações estratégicas da entidade para os próximos meses. Entre os principais temas previstos está a organização do 75º Fórum da Abruem, que será realizado em maio de 2026, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Outro ponto da pauta será a viagem internacional da Abruem à China, programada para ocorrer entre os dias 15 e 26 de junho de 2026. Durante a missão serão realizadas visitas institucionais voltadas ao fortalecimento da cooperação acadêmica e científica entre universidades brasileiras e instituições chinesas.

A reunião também contará com a participação do Davidson Magalhães Santos, diretor executivo de Relacionamento Institucional da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa, que fará uma apresentação virtual aos dirigentes das instituições associadas.

Além disso, serão apresentados informes sobre a assinatura de protocolo com o Ministério das Mulheres, prevista para o mês de março, bem como a proposta de contratação de pessoa jurídica para acompanhamento, construção normativa e consultoria jurídica da Abruem.

A pauta inclui ainda orientações sobre os prazos do processo eleitoral da entidade e a discussão de assuntos diversos de interesse das universidades estaduais e municipais.

A reunião mensal integra o calendário permanente de atividades da Abruem e constitui um espaço de diálogo e articulação entre as instituições associadas, contribuindo para o fortalecimento do sistema público de educação superior no país.

## **DIA INTERNACIONAL DA MULHER**



Neste mês de março, a Associação Brasileira de Reitoras e Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (Abruem) presta sua homenagem a todas as mulheres, reconhecendo sua coragem, sua força e a histórica luta por direitos, igualdade e respeito.

Mais do que celebrar a data, é momento de reafirmar que os avanços conquistados são resultado da mobilização coletiva e que ainda existem desafios a enfrentar para que a equidade seja plenamente realidade em todos os espaços da sociedade.

As universidades públicas estaduais e municipais, representadas pela Abruem, têm papel fundamental nesse processo. Como espaços de formação crítica, produção

de conhecimento e transformação social, contribuem para promover a inclusão, a diversidade e o fortalecimento do protagonismo feminino na ciência, na educação, na gestão e em todas as áreas do conhecimento.

As instituições que integram a Abruem seguem comprometidas com a defesa dos direitos humanos e com o enfrentamento de todas as formas de violência e discriminação, fortalecendo políticas e ações que ampliem oportunidades e garantam igualdade.

Porque lugar de mulher é onde ela quiser — na ciência, na política, na gestão, na sala de aula, nos laboratórios e em todos os espaços que escolher ocupar.

### **Uncisal**

## **LIDERANÇA FEMININA MARCA A ESTRUTURA DA UNCISAL E CONTRIBUI PARA O SUS EM ALAGOAS**

A Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal) tem atualmente 80% de suas unidades assistenciais geridas por mulheres — um dado que a posiciona como diferencial no cenário nacional, onde a presença feminina em cargos de liderança ainda é, em média, menor. Mais que um indicador estatístico, esse percentual revela um modelo de gestão que alia técnica, responsabilidade pública e cuidado integral.

Para a reitora Pollyanna Almeida, a presença feminina em posições estratégicas impacta diretamente a qualidade da gestão e das políticas de saúde em Alagoas. “A liderança feminina deixa de ser exceção e passa a ser parte estruturante da gestão”, afirma.

Segundo ela, essa mudança também altera a cultura institucional. A condução torna-se mais colaborativa, baseada na escuta, no diálogo e na construção coletiva das decisões, com reflexos no clima organizacional e na integração entre ensino, pesquisa, extensão e assistência.

A reitora aponta ainda o efeito multiplicador da representatividade dentro da universidade. “Quando estudantes e jovens servidoras veem mulheres ocupando espaços de decisão, passam a se reconhecer como possíveis líderes e ampliam seus horizontes profissionais”, observa.

Para ela, liderar na saúde e na educação é, antes de tudo, servir com ética e preparo técnico, tendo como norte a justiça social. “A presença feminina na gestão”, acrescenta, “amplia o debate sobre equidade e contribui para políticas públicas mais humanizadas, especialmente em uma instituição que forma profissionais para o Sistema Único de Saúde (SUS)”.

## **LIDERANÇAS ESTRATÉGICAS NA GESTÃO PÚBLICA**



Na estrutura administrativa da Uncisal, o protagonismo feminino também se expressa na consolidação de políticas institucionais e na qualificação da gestão pública. A atuação das pró-reitorias e áreas estratégicas impacta diretamente a qualidade acadêmica e administrativa da universidade.

À frente da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progesp),

Ana Maria Jatobá pontua que ampliar a participação feminina no serviço público vai além da ocupação de cargos. “Transformamos a visão de Estado em uma força mais humana, inclusiva e representativa”, declara.

Para ela, a liderança feminina no setor público “é o motor que converte empatia em política pública e competência em transformação social”. Liderar a política de gestão de pessoas em uma instituição majoritariamente formada por mulheres, especialmente nas áreas de educação e saúde, significa, segundo a titular da Progesp, “reconhecer essa realidade com maturidade institucional e transformar desafios em políticas estruturadas de valorização, equidade e desenvolvimento”.

No campo do planejamento e da sustentabilidade institucional, a gerente executiva de Planejamento, Orçamento, Finanças e Contabilidade, Tereza Cristina Moreira, ressalta que a liderança feminina transforma a forma como os espaços funcionam. “A gestão feminina tende a olhar para o orçamento

como uma ferramenta de transformação social, perguntando: ‘Como esse recurso pode gerar impacto perene?’, pontua.

Segundo Tereza, o equilíbrio entre rigor fiscal e visão humanizada contribui para a sustentabilidade institucional. “A valorização das pessoas e o planejamento estratégico tornam-se diferenciais para uma gestão mais resiliente e adaptável”, completa.

Na Controladoria Interna, Denise de Queiroz associa ética e transparência à responsabilidade pública e à integridade institucional. “Fiscalizar, orientar e garantir a transparência também é uma forma de cuidar e transformar”, afirma, destacando que a boa gestão dos recursos impacta diretamente a qualidade das ações desenvolvidas pela universidade, sustenta as políticas acadêmicas e assistenciais e repercute na formação dos estudantes e na atuação das futuras lideranças na saúde pública.

A presença feminina na condução institucional também se expressa na atuação de outras gestoras que integram a administração superior da universidade. Na Pró-Reitoria de Ensino e Graduação, Maria do Desterro da Costa e Silva integrou a equipe responsável pela conquista da nota máxima 5 no processo de credenciamento institucional. À frente da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Mara Cristina Ribeiro conduz as políticas voltadas à produção científica e à qualificação dos programas acadêmicos. Já na Pró-Reitoria de Extensão, Maria Rosa da Silva assume a nova gestão dando continuidade a iniciativas de impacto social, como o projeto Sorriso de Plantão.

Completam esse cenário de liderança estratégica Leilane de Araújo, à frente da Ouvidoria Universitária e do projeto “Ouvidoria em Foco”, ampliando os canais de escuta institucional; Ruth Barros, na Coordenação de Ações Estratégicas, com atuação voltada ao planejamento e à projeção institucional da Uncisal; e Lauralice Marques, na Comissão Própria de Avaliação, responsável pelo acompanhamento dos indicadores acadêmicos. A estrutura administrativa conta ainda com Fernanda Calixto, na Assessoria de Relações Internacionais, fortalecendo a articulação externa da universidade, e Svetlana Barros, na Assessoria de Governança e Transparência, com atuação direcionada às boas práticas de gestão e integridade institucional.

## **FORMAÇÃO ACADÊMICA E FUTURAS LIDERANÇAS**

Na dimensão acadêmica, esse protagonismo também se expressa na produção científica, no ensino, nas ações de extensão e na articulação com a assistência em saúde. A presença das mulheres nos espaços de ensino e pesquisa qualifica a formação acadêmica e aprimora o atendimento prestado à população.

Coordenadora do curso de Fonoaudiologia, Vanessa Porto observa que as mulheres têm ampliado sua presença na ciência e na pesquisa em saúde por



meio do maior acesso à formação e de políticas voltadas à equidade. “Hoje, ocupam mais espaços de liderança e contribuem para uma ciência mais diversa e socialmente comprometida”, avalia.

A integração entre ensino e assistência, característica da Uncisal, também é impulsionada pela atuação feminina. Na Gerência

Docente-Assistencial do Centro Especializado em Reabilitação (CER III), Marisa Canuto explica que essa articulação qualifica a formação ao ultrapassar o domínio teórico e promover competências clínicas, éticas e sociais.

“As demandas assistenciais são transformadas em perguntas científicas”, sustenta. Segundo ela, a presença majoritária de mulheres produz efeitos concretos na organização e na qualidade dos serviços, ampliando práticas humanizadas.

Na Escola Técnica de Saúde (Etsal), a diretora Jinadiene Soares destaca que a formação técnica em saúde teve papel estruturante na consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo ela, os profissionais de nível técnico compõem grande parte das equipes que atuam na Atenção Primária, em hospitais e na vigilância em saúde, garantindo a operacionalização do cuidado nos serviços. “Hoje, mais de 70% da força de trabalho técnica em saúde é feminina, o que demonstra a presença histórica e contínua das mulheres na linha de frente da assistência”, afirma.

Representando a nova geração, a estudante e coordenadora do Diretório Central dos Estudantes, Erida Sthefany Oliveira vê a liderança como responsabilidade coletiva. “Liderar na saúde é lutar por formação de qualidade, por condições dignas de ensino e por políticas públicas que ampliem e qualifiquem o SUS”.

“Liderar, para a nossa geração, também é representar e construir caminhos para que outras não precisem começar do zero”, acrescenta a estudante de Fisioterapia.

Nesse contexto formativo, outras mulheres ocupam posições centrais na organização do ensino e na articulação com os serviços de saúde. Marcela Peixoto está à frente do Centro de Educação a Distância (CED), acompanhando a expansão da modalidade e a ampliação do acesso à formação superior. A professora Ana Elizabeth Lins lidera o curso de Terapia Ocupacional e iniciativas voltadas ao envelhecimento ativo, integrando ensino e prática social. Também compõem esse cenário as coordenadoras Aldrya Ketly Pedrosa, em Enfermagem, e Alexandra Pedrosa, em Fisioterapia, responsáveis pela condução pedagógica e pelo alinhamento curricular às demandas do SUS.

Na Gerência Docente-Assistencial, Rafaela Sampaio (HEPR), Jacqueline Pimentel (MESM) e Marisa Canuto (CER III) atuam na integração entre estudantes e unidades assistenciais, consolidando o elo entre formação acadêmica e prática profissional.

## **ASSISTÊNCIA, CUIDADO E IMPACTO SOCIAL**

É nas unidades assistenciais que a presença feminina se traduz em impacto direto na vida da população alagoana. Essa liderança amplia práticas humanizadas e aprimora o acesso à saúde pública.

No Hospital Escola Portugal Ramalho (HEPR), referência em saúde mental, a diretora Helcimara Martins

esclarece que a liderança feminina une sensibilidade e responsabilidade. “Quando essa sensibilidade chega à gestão, o cuidado se torna mais humano sem perder a firmeza técnica”, explica.

Para ela, liderar na saúde mental é garantir que cada pessoa seja vista além do diagnóstico, com dignidade e possibilidade de recomeço. “Liderar, para mim, é servir com responsabilidade e, sobretudo, com o coração”, comenta.

Na Maternidade Escola Santa Mônica (MESM), referência para gestantes e recém-nascidos de alto risco, a diretora Maria Elisângela Torres associa gestão e humanização. “Gestão é, acima de tudo, cuidado ampliado”, pontua.

Sob sua liderança, a unidade aprimora boas práticas obstétricas e mantém atenção ao acolhimento das mulheres e das famílias atendidas pelo SUS. A atuação integra assistência, formação e responsabilidade social.

No Hospital Escola Hólvio Auto (HEHA), referência em infectologia, a diretora médica Lucy Braga destaca que exercer a liderança em uma unidade de alta complexidade exige responsabilidade, atualização constante e capacidade de coordenação diante de desafios diários. Para ela, a presença feminina contribui para a qualidade da assistência ao aliar sensibilidade, escuta ativa e empatia ao rigor técnico. “Essa combinação favorece uma atuação mais humanizada e qualifica o cuidado prestado”, aponta.

Nas unidades assistenciais, a presença feminina também se evidencia na atuação de Telma Pinheiro, no Centro de Patologia e Medicina Laboratorial (CPML), acompanhando a ampliação e modernização dos serviços diagnósticos; Janayna Cajueiro, no Centro Especializado em Reabilitação (CER III), à frente de uma unidade recentemente reformada e ampliada;



Kátia Galvão, no Serviço de Verificação de Óbitos (SVO), conduzindo um setor essencial para a vigilância e a saúde pública; e Luíza Freitas, no Ambulatório de Especialidades (Ambesp), articulando o atendimento especializado à população.

No Centro de Diagnóstico e Imagem (Cedim), Maria da Conceição (Ceixa) Carvalho conduz uma unidade que se tornou referência estadual no rastreamento do câncer de mama, ampliando o acesso ao diagnóstico pelo SUS.

Ao refletir sobre esse cenário, a reitora Pollyanna Almeida declara que a presença feminina na gestão, na formação e na assistência consolida um modelo de universidade pública orientado para resultados sociais. “A liderança feminina sustenta uma atuação comprometida com a sociedade e com o fortalecimento do SUS em Alagoas”, conclui.

Fonte: Uncisal. Texto: Danielle Cândido.

UEG

## PONTE PARA A TRANSFORMAÇÃO



Durante a pandemia, enquanto o mundo discutia vacinas em meio a uma avalanche de desinformação, a professora Andreia Juliana Rodrigues Caldeira, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), sentiu que algo precisava mudar. Foi nesse contexto que ela começou a usar suas próprias redes sociais como ferramenta de divulgação científica. Não ainda como estratégia institucional, mas como uma necessidade imediata. “Para a gente, que já tinha isso como instinto, foi mais natural. Mas quando eu comecei nas minhas redes, estava desesperada. Eu disse: vou estudar sobre vacina porque eu não estou aguentando mais ouvir tanta desinformação.”

O que começou como reação, logo virou ação planejada. Com a divulgação nas redes sociais, vieram as reuniões virtuais com outras pesquisadoras espalhadas pelo Brasil. E, por fim, um projeto estruturado que hoje mobiliza mais de 100 mulheres em vários estados brasileiros: o Coletivo Mulheres Cientistas em Rede – Igualdade de Gênero e Caminhos para Sustentabilidade, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O projeto nasceu oficialmente em novembro de 2024, com execução

prevista até 2027 e investimento de quase R\$ 1,4 milhão. Mas, para Andreia, ele começou muito antes, como uma inquietação pessoal. “A ciência precisa ter finalidade social”, afirma.

Bióloga de formação e geneticista da área vegetal, Andreia sempre esteve próxima da aplicação prática da pesquisa. “Eu sou de uma área considerada dura, mas sempre trabalhei com uma genética aplicada. Sempre estive muito próxima da Agronomia, do melhoramento genético. E melhoramento tem um fim: melhorar o produto. E melhorar produto é atender a uma demanda da comunidade. Então eu já tinha esse pensamento. A ciência precisa ter finalidade social!”, reitera.

Essa visão orienta o Coletivo de Mulheres Cientistas em Rede desde a sua origem: ciência feita com escuta ativa, devolutiva qualificada às comunidades e impacto na vida das pessoas.

### ***Enxergando o muro***

A professora Andréia Juliana reconhece que, por muito tempo, a universidade esteve enclausurada. O diálogo com a sociedade era tímido, quase protocolar. Existia um muro simbólico entre quem produzia conhecimento e quem vivia a realidade cotidiana. A lógica silenciosa instalada era: “Eu sou pesquisador. Você não é.”

Essa separação foi se aprofundando ao longo dos anos. E a pandemia escancarou o problema. A avalanche de desinformação, os ataques às universidades públicas, a disseminação de fake news sobre ciência mostraram que não bastava produzir conhecimento de excelência. Era preciso comunicar de forma adequada. Era preciso devolver.

Uma inquietação que para Andreia surgiu até mesmo de antes. O ponto de virada ocorreu em um projeto desenvolvido no Hospital Araújo Jorge, em Goiânia. A pesquisadora investigava o consumo de plantas medicinais por pacientes em tratamento de quimioterapia.

Sua equipe, que incluía estudantes de Farmácia, começou a observar um comportamento preocupante. Os pacientes faziam sessões de quimioterapia, utilizando medicamentos de alta complexidade tecnológica, desenvolvidos após anos de pesquisa científica. No entanto, ao chegar em casa, tomavam chás indicados por vizinhos, familiares ou conhecidos, sem qualquer orientação técnica. Muitos desses pacientes estavam imunossuprimidos. E algumas plantas poderiam interferir na ação dos medicamentos, reduzir sua eficácia ou até provocar reações adversas. Para a Andreia, ficava o questionamento: como alguém podia confiar plenamente em um tratamento de alta tecnologia e, ao mesmo tempo, não ter informação básica sobre interações medicamentosas?

Ali soou o alarme e surgiu uma clareza. Não bastava produzir ciência. Era preciso construir pontes, conversar com as pessoas. O papel do pesquisador não podia terminar na publicação de um artigo científico, pois ele também

pressupõe responsabilidade social: toda pesquisa precisa ter devolutiva.

Essa inquietação a levou, em 2018, a Portugal, onde realizou estágio pós-doutoral com foco em divulgação científica. Na Universidade do Porto, ela trabalhou com segurança alimentar, especificamente com o parasita *Anisakis*, um verme associado ao consumo de pescado cru. O problema era semelhante ao observado no hospital de Goiás: muitas pessoas consumiam peixe cru acreditando ser uma prática saudável, sem conhecimento dos riscos de contaminação e das doenças associadas, como anisiquiase, provocada pelo parasita presentes em peixes. Mais uma vez, a constatação se repetia: não adianta produzir conhecimento sem devolvê-lo de forma clara e eficiente para a população.

### ***A mudança nos editais***

Nos últimos anos, aquilo que antes era iniciativa individual passou a ser exigência institucional. Hoje, praticamente todos os editais de fomento avaliam o plano de divulgação científica do projeto. Não é mais opcional. É critério de análise. Além disso, a curricularização da extensão reforçou a necessidade de interação com a sociedade, mudando a lógica: não basta pesquisar, é preciso comunicar. Apesar disso, Andreia reconhece que a barreira ainda não foi completamente derrubada. Ainda há pesquisadores que permanecem distantes da sociedade. Mas os que se aproximaram perceberam algo importante: a pesquisa melhora quando a comunidade participa.

### ***Perspectiva feminina***

A presença das mulheres tem impulsionado avanços significativos na ciência e ampliado o olhar crítico sobre quem ocupa os espaços acadêmicos, questionando ausências e desigualdades. Hoje, as universidades já contam com políticas públicas e ações afirmativas, e o Coletivo Mulheres Cientistas em Rede adota a perspectiva feminina como um de seus pilares de debate e transformação.



O grupo reúne 60 pesquisadoras-base, envolvidas nacional e internacionalmente, e uma ampla rede que inclui, além da UEG, dez instituições de ensino públicas e particulares nos estados de GO, RJ, SP, PR e SC, duas universidades dos Estados Unidos, além de parcerias com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e poderes públicos municipais.

Quando o projeto foi submetido ao CNPq, um dos pontos que chamou a atenção da autarquia foi justamente o fato de não haver homens na coordenação central. A proposta era clara: o espaço seria voltado ao protagonismo feminino. Isso não significa ausência de parceiros homens - eles existem e colaboram em diversas frentes técnicas e científicas, mas o princípio estruturante do projeto é dar visibilidade às mulheres, fortalecer lideranças femininas e garantir que elas estejam à frente da coordenação e da narrativa.

Se um homem aparece em determinada temática, ele participa como colaborador, não como eixo central. A professora Andreia Juliana destaca que a atuação do coletivo tem contribuído, inclusive, para que pesquisadores da UEG percebam a necessidade de incluir cada vez mais meninas em seus projetos. “Eu percebi que falar sobre mulheres ajuda as pessoas a começarem a olhar ao redor e perceber: ‘Ah, mas aqui tem pouca mulher’. A mesma coisa é, por exemplo, o caso da pessoa de baixa renda. E nesse projeto, o edital prevê muita inserção pensada na questão socioeconômica, de raça e gênero”, diz.

### ***Coordenação-geral***

A coordenação do projeto parte da UEG, com atuação direta da profa. Andreia Juliana, que se divide entre salas de aula e laboratórios dos cursos de Farmácia e Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Produtos Aplicados para a Saúde (PPG-Caps|UEG), além dos trabalhos de campo, principalmente na bacia do Araguaia. É nesse território que o coletivo intensifica sua atuação, articulando parceiros institucionais e comunitários, sobretudo por meio do Programa Araguaia Vivo, onde a professora coordena uma das frentes voltadas à mobilização e sensibilização de atores locais - comunidades, poder público e escolas -, em torno de ações de sustentabilidade socioambiental.

O Coletivo Mulheres Cientistas em Rede trabalha com duas vertentes centrais: a pauta das mulheres e a sustentabilidade. Ambos os eixos são articulados sob o tema “Igualdade de gênero como caminhos para a sustentabilidade”, partindo do entendimento de que a promoção da equidade é condição fundamental para o desenvolvimento sustentável.

No eixo “Caminho para a sustentabilidade”, as ações estão organizadas em dois subeixos: Meio Ambiente e Saúde. No subeixo Meio Ambiente, são desenvolvidos projetos com a participação de pesquisadoras em frentes como educação ambiental, diagnósticos e levantamentos de campo. As iniciativas abrangem desde pesquisa de base até a aplicada, muitas delas em articulação com o Programa Araguaia Vivo.

Há uma integração entre diferentes projetos e bolsas. No âmbito do Araguaia Vivo, por exemplo, bolsistas vinculadas ao Coletivo Mulheres passaram a atuar na produção científica, enquanto o programa contribui com apoio logístico, como o pagamento de diárias. Há bolsistas do CNPq

vinculadas à UEG, incluindo participantes em Aruanã, professoras regentes e estudantes da UEG que também integram iniciativas como o Programa de Pesquisa em Biodiversidade Araguaia (PPBio Araguaia) e o Programa Ecológico de Longa Duração Araguaia (PELD Araguaia), configurando uma ampla rede colaborativa. O trabalho conta ainda com a participação de um Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) e de um grupo ampliado da área da saúde, que atua, entre outros espaços, no PPG Caps | UEG.

Na área da saúde, tem sido desenvolvido material específico para discutir a saúde da mulher, tanto no que diz respeito às cientistas que atuam na área quanto aos impactos das trajetórias acadêmicas na sua qualidade de vida. A avaliação do grupo é de que as exigências da carreira científica, somadas às responsabilidades sociais e familiares historicamente atribuídas às mulheres, produzem efeitos diretos na saúde física e mental das pesquisadoras, tornando o debate sobre equidade também uma questão de bem-estar e sustentabilidade institucional. “A maternidade é um dos desafios enfrentados pelas mulheres na ciência, que precisam administrar diferentes demandas e percalços ao longo da trajetória acadêmica”, destaca Andreia.

## ***Clubes de Ciências - expansão em Goiás e outros estados***



Além de estar estruturado por eixos temáticos, o coletivo está organizado territorialmente para fortalecer a comunicação com as comunidades por meio de clubes de ciências. A iniciativa integra o eixo da equidade de gênero, embora dialogue com todas as frentes do projeto, e aposta na formação científica de meninas, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Em Goiás, foram implantados cinco núcleos: Anápolis, Aparecida de Goiânia, Goiânia, Aruanã e Pirenópolis. Cada núcleo é constituído a partir de uma escola pública parceira, geralmente situada em regiões periféricas ou socialmente vulnerabilizadas. A estrutura inclui pelo menos uma professora bolsista, responsável por orientar alunas bolsistas de Iniciação Científica Júnior (IC Júnior).

Em Anápolis, o clube funciona no Colégio Estadual Professor José Abdalla, com um grupo composto por 14 alunas de IC Júnior e duas professoras. Em Aruanã, o núcleo reúne 15 meninas e três professoras bolsistas, abrangendo três escolas - uma indígena, uma de tempo integral e uma de ensino fundamental e médio.

Além dos cinco núcleos goianos, o projeto expandiu-se para outros estados. Há clubes de ciências em Jaboticabal (SP), Curitiba (PR) e Blumenau (SC), cada um com uma professora bolsista e seis alunas. Também foi criado um clube no interior da Bahia e estão em fase final de estruturação dois clubes no Rio de Janeiro, que deverão contar com duas professoras e seis estudantes. No Rio, um dos destaques é a implantação de um clube dentro de uma comunidade indígena, fora do ambiente escolar, reunindo meninas de diferentes escolas - uma proposta que amplia o acesso e a inclusão.

### ***Semeando o amanhã***

A rede de clubes recebe o nome “Sementes do Amanhã”, e cada núcleo adota um subnome próprio, fortalecendo a identidade das participantes e a compreensão da ciência como prática integradora.

A participação no projeto é obrigatoriamente vinculada à concessão de bolsa. No caso da Iniciação Científica Júnior, destinadas a alunas da educação básica, a coordenação optou por atender 75 meninas ao longo de 24 meses, priorizando continuidade e impacto social. Incluindo essas e considerando bolsas destinadas a professoras de educação básica, Profissional de Nível Superior, Pós-Doutorado Júnior e Iniciação Científica (graduação), o projeto mantém atualmente 103 bolsas ativas.

Apesar de seguirem uma estrutura comum, os clubes variam em dimensão e organização conforme a realidade local. Cada núcleo desenvolve uma temática específica alinhada aos eixos do projeto e constrói sua própria dinâmica de trabalho, embora sigam um mesmo rito científico. A proposta é assegurar que uma estudante de Goiás, do Paraná ou da Bahia vivencie o mesmo percurso de formação, baseado em método, sistematização e acompanhamento contínuo.

O modelo prevê orientação docente, definição de problemas de pesquisa, desenvolvimento de atividades práticas, registro sistemático das etapas e socialização dos resultados. A padronização metodológica garante unidade à rede, enquanto a autonomia local é assegurada.

O primeiro ano foi dedicado à aproximação das meninas com o universo da ciência. O objetivo foi despertar interesse e construir repertório. Nesse período, foram realizadas ações e projetos experimentais, atividades práticas introdutórias, visitas técnicas, participação em eventos científicos e produção de materiais e experiências colaborativas.

Já o segundo ano é voltado à execução de projetos estruturados. Cada clube define uma temática central e, dentro dela, cada bolsista de Iniciação Científica Júnior desenvolve um plano de trabalho individual. São Paulo, por exemplo, deve trabalhar com a temática das alterações climáticas e protagonismo feminino, enquanto Anápolis terá como provável foco as plantas do Cerrado. Ao final dos 24 meses, cada bolsista entrega um relatório de produtividade. A proposta é de fato formar futuras cientistas, mostrando que a ciência não é aleatória, mas tem método, rigor e sistematização.

## ***Integração com a graduação***

Há também a articulação entre bolsistas de Iniciação Científica Júnior e as de Iniciação Científica da graduação. Em Anápolis, por exemplo, alunas da Engenharia Agrícola da UEG desenvolvem um projeto sobre espécies do Cerrado (eixo da sustentabilidade), trabalhando temas como dormência de sementes, germinação, nutrientes e processos fisiológicos. As estudantes da educação básica acompanham rotineiramente esse processo, participando das atividades práticas e compreendendo a aplicação real da pesquisa.

Além dos projetos, os clubes vão organizar visitas a laboratórios da UEG e a instituições como Emater e Embrapa, fazer contato com bancos de germoplasma e encontros com pesquisadoras possam servir de referência e inspiração. “Entramos em contato com pesquisadoras importantes que possam ser um espelho para elas”, afirma a profa. Andreia Juliana.

Para quem participa do projeto, esse contato direto com o meio científico abre novas perspectivas sobre o futuro. Integrante do Clube de Ciências do Colégio José Abdalla, a estudante Emily Natália, do 3º ano do ensino médio, conta que, recentemente, participou da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e visitou laboratórios e espaços acadêmicos da UFG. Saiu convicta de que meninas também pertencem aos espaços da ciência e podem ocupar a liderança na produção do conhecimento:



***“Para mim, significa ocupar um espaço que, por muito tempo, não nos foi incentivado. A gente não estuda só ciência; a gente constrói uma rede de apoio e descobre que a nossa voz tem um impacto real no mundo. É poder apresentar nossos projetos, trabalhos e resultados e trocar conhecimentos com outros pesquisadores, mostrando que a ciência é viva e colaborativa. Não estávamos lá apenas como espectadores, mas também como parte viva da produção daquele projeto.***

***Hoje me vejo como uma protagonista da minha própria história e o projeto me deu segurança de entender que posso, sim, ser uma cientista e uma líder! Participar desses eventos é reafirmar que o futuro das ciências também é feminino, e eu já comecei a construir meu futuro nessa área; me vejo como uma semente que está florescendo. E me percebo como uma protagonista que não caminha sozinha, mas que entende a responsabilidade de representar outras meninas”***

Cursando o 2º ano do ensino médio integrado ao curso técnico de Programação de Jogos Digitais, a estudante Ágata de Assis de Oliveira conta que conheceu o projeto logo no início do ano letivo e decidiu se inscrever imediatamente. “Todas as experiências que a gente teve durante o tempo que estou no projeto foram ótimas”, diz, destacando entre os aprendizados

o contato com conhecimentos sobre plantas medicinais e saberes ligados ao meio ambiente.

*“A gente conseguiu trocar ideia com pessoas na ciência que disseram o quanto o meio ambiente, as plantas medicinais, principalmente, eram incluídas no nosso dia a dia e na nossa cultura e muitas vezes as pessoas ignoravam e não sabiam como utilizá-las da forma correta. Além disso, participar desse coletivo é muito importante, inspirador para mim, acho que para todas as meninas do projeto, porque a gente consegue se ver como protagonista. A gente consegue enxergar que tem um papel importante na ciência.”*



As professoras bolsistas do colégio também destacam o privilégio de integrar o projeto e de possibilitar a participação das estudantes nas atividades. “Está sendo uma experiência muito enriquecedora para mim, como mulher na ciência, ver o olho das meninas brilharem em relação a todas as atividades que elas realizam e a cada descoberta”, afirma a professora Andressa Gabriele.

Além de fortalecer o protagonismo feminino nas áreas das Ciências da Natureza, o projeto também estimula as estudantes a refletirem sobre seu papel, observa a profa. Juliana Rodrigues. “Tem sido gratificante vê-las, por meio da ciência, ocupando o seu espaço na sociedade”, enfatiza.

## Circuito de webinários

**Clubes de Ciência**  
(evento nacional)

Guia, modelo, Distribuição, Apresentação, Arquivo, Apresentação (P, T, S, B e A) (realização em fase final)

**Metodologia comas:**

- Definição de problema
- Plano de trabalho individual
- Coleta e análise de dados
- Escrita científica
- Relatório final

**Novas Frentes**  
(2º ano)

- Circuito Nacional de Webinários (a partir de março) e podcast
- Documentário sobre protagonismo feminino na pesquisa científica no Araguaia
- E-book sobre mulheres na ciência
- Mentoria nacional em divulgação científica, reunindo pesquisadoras de referência
- Espaço territorial para novas regiões do bioma do Araguaia
- Levantamento do uso de plantas medicinais pelas comunidades em Araguaia
- Estudos sobre: valoração econômica de recursos naturais, relação entre uso de água e responsabilidade coletiva, segurança hídrica e educação ambiental

**Oficinas e bioeconomia comunitária**

- Aproveitamento de frutas do Cerrado
- Produção de doces, sucos e derivados
- Artesanato com produtos do Cerrado
- Reparamento de necessidades locais e grupos prioritários
- Grupo-alvo: mulheres em vulnerabilidade social, idosas, lideranças da região urbana e rural e, futuramente, comunidades tradicionais

A partir deste mês de março, quando se celebra o Dia Internacional da Mulher, será lançado um circuito nacional de webinários com duas frentes: webinários com mulheres cientistas e webinários protagonizados pelas meninas dos clubes de ciência. Os encontros serão gravados, disponibilizados no YouTube e também transformados em podcast, ampliando o alcance do conteúdo. As temáticas incluirão apresentação do projeto e das pesquisadoras; desafios da carreira científica; maternidade e ciência; políticas públicas; direitos das mulheres; e fortalecimento do papel feminino na ciência.

Leia a continuidade desta reportagem em: “Araguaia: onde a ciência encontra o território”

**FONTE: Comunicação Setorial | UEG. Texto: Lucimeire Santos.**

## **UNEB LANÇA CAMPANHA “MARÇO MULHER” EM CELEBRAÇÃO AO PROTAGONISMO FEMININO NA UNIVERSIDADE**

A UNEB promove, durante este mês de março, a campanha institucional “MARço Mulher UNEB 2026”, iniciativa que celebra o Dia Internacional da Mulher, comemorado neste domingo (8), e reconhece o protagonismo das mulheres na construção cotidiana da Universidade de toda a Bahia.

Inspirada na ideia de um “MAR de mulheres”, a campanha destaca a presença, a força e a contribuição das mulheres que constroem, sustentam e impulsionam a instituição em suas múltiplas dimensões acadêmicas, administrativas e sociais.

A campanha conta com uma página oficial, que reúne a agenda de atividades realizadas nos campi e em espaços dos diferentes territórios de identidade da Bahia. Estão em planejamento e organização ações acadêmicas, culturais, formativas e institucionais promovidas por departamentos, grupos de pesquisa, projetos de extensão e setores da universidade ao longo do mês.

A página funciona como um ponto de encontro das iniciativas que se associam à campanha em toda a UNEB, evidenciando a diversidade de ações e reflexões sobre a vida, o trabalho e as experiências das mulheres.

### ***Um MAR de mulheres que transforma a Bahia***

Na UNEB, elas são maioria nas salas de aula, nos setores administrativos e nos espaços de gestão e liderança. As mulheres também representam a maior parte da comunidade universitária entre servidoras e discentes.

No campo da gestão institucional, correspondem a 64% do Grupo de Gestão da Administração Central e 58% das direções de departamento. Na produção editorial da universidade, também são maioria: 52% das obras publicadas pela Editora da UNEB (Eduneb) têm autoria feminina.

Mais do que números, esses dados revelam presença qualificada, liderança e compromisso público com o desenvolvimento da universidade. A campanha ressalta a potência coletiva das mulheres unebianas em todos os territórios de identidade da Bahia, onde a instituição desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão.

Na UNEB, elas são a força. E é dessa força coletiva que nasce a potência de uma universidade que segue transformando vidas por toda a Bahia!

Acesse a página oficial da Campanha “MARço Mulher UNEB” 2026 em <https://portal.uneb.br/marco-mulher26/>

Fonte: Ascom Uneb. Arte: Marina Marques/Ascom. Texto: Danilo Oliveira.

## **MULHERES QUE FAZEM CIÊNCIA: O TALENTO FEMININO QUE MOVE A PESQUISA NA UNICENTRO**



Antes mesmo de terem espaço nas universidades, as mulheres já faziam perguntas. Questionavam o mundo, observavam a natureza, ensinavam, aprendiam e produziam conhecimento, muitas vezes sem reconhecimento formal,

laboratórios e voz nos espaços institucionais.

O Dia Internacional da Mulher, celebrado no dia 8 de março, nasce justamente dessa história de luta e transformação. A data foi construída no início do século XX, em meio a movimentos de mulheres trabalhadoras que reivindicavam direitos, melhores condições de trabalho e participação política. Com o tempo, tornou-se um símbolo global de reflexão sobre igualdade, reconhecimento e valorização das contribuições femininas em todas as áreas da sociedade.

Hoje, a ciência também carrega essas marcas de resistência e conquista. Se antes o acesso das mulheres às universidades era restrito, hoje elas ocupam laboratórios, lideram grupos de pesquisa, coordenam projetos e formam novas gerações de profissionais. Na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), essa presença é expressiva. Atualmente, a instituição conta com 321 docentes efetivas, 178 docentes colaboradoras, 174 agentes universitárias efetivas, 121 agentes universitárias colaboradoras, 87 estagiárias e 8 assessoras. São centenas de mulheres que contribuem diariamente para o funcionamento da universidade, atuando no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão institucional, ajudando a construir conhecimento e transformar vidas.

Para marcar o Dia Internacional da Mulher, reunimos histórias de três professoras que representam, em diferentes áreas do conhecimento, a presença feminina na ciência e na formação acadêmica.

### ***Histórias que inspiram***

#### ***Mariulce Leineker – Docente do Departamento de Pedagogia e coordenadora do curso de Pedagogia Indígena***

Na área da educação, Mariulce Leineker, docente do Departamento de Pedagogia da Unicentro, tem desenvolvido um trabalho que ultrapassa os limites da sala de aula e chega às comunidades indígenas, ao coordenar o curso de Pedagogia Indígena, realizado dentro da Aldeia Rio das Cobras, em Nova Laranjeiras.



A proposta do curso é justamente levar a formação até os estudantes, respeitando e fortalecendo a cultura local. “O curso acontece na aldeia, então nós nos deslocamos para lá para que os alunos aprendam no ambiente deles, preservando a cultura, que é algo tão importante para eles”, explica.

Coordenar um curso dentro da aldeia também trouxe desafios, especialmente relacionados às questões culturais e de gênero. “Dentro da aldeia indígena existem vários desafios, e o primeiro deles é por eu ser mulher. A cultura indígena ainda preserva muito esses laços e as lideranças são masculinas. Então eu me deparei coordenando um curso dentro da aldeia sendo eu uma mulher”.

Apesar das dificuldades iniciais, o trabalho tem gerado grandes impactos, especialmente para as mulheres da comunidade. “Nós temos visto o quanto é importante esse curso lá, inclusive, para que as mulheres se fortaleçam, para que as mulheres aprendam, para que as mulheres possam ir para o mercado de trabalho”.

Para Mariulce, acompanhar essas transformações é uma das maiores recompensas da profissão. “Isso é algo bem importante e gratificante dentro da minha profissão, enquanto pedagoga, enquanto mulher e enquanto pesquisadora. Poder, realmente, fazer a diferença em uma comunidade, poder fazer a diferença na vida dessas mulheres é muito gratificante”.

Ao falar sobre o Dia Internacional da Mulher, Mariulce deixa uma mensagem de incentivo para outras mulheres:

*“Por mais difícil que seja, por mais barreiras que vocês encontrem, não desistam de ser o que vocês quiserem ser, aonde vocês quiserem ser, porque vocês podem fazer a diferença em todos os lugares”,*  
Mariulce Leineker.

### **Sabrina Marchioro – Docente do Departamento de Ciências Biológicas**

No campo das ciências naturais, a professora Sabrina Marchioro, do Departamento de Ciências Biológicas, desenvolve pesquisas com morcegos e contribui ativamente para a formação de novos pesquisadores na universidade.

Licenciada, mestre e professora formada pela própria Unicentro, Sabrina hoje coordena um projeto



inédito que busca mapear as espécies de morcegos presentes no Câmpus Cedeteg. A pesquisa busca reunir informações que até então estavam dispersas. “Nós sempre trabalhamos de forma mais isolada, nunca fizemos um levantamento para ver quais são as espécies que temos aqui, algo que é tão importante”, relata.

Ao longo de sua trajetória acadêmica, Sabrina enfrentou desafios comuns a muitas mulheres na ciência. “Ao longo de todos esses anos que eu venho estudando, desde lá da graduação até terminar toda a pós e começar a dar aula, encontrei alguns percalços no meio do caminho que só aconteceram por eu ser mulher. Muitas vezes acontecem tentam nos diminuir ou não dar muita importância para as nossas ideias”.

Mesmo diante dessas dificuldades, ela destaca a importância de seguir ocupando espaços na pesquisa.

“É importante que a gente não se deixe abalar, que a gente não se cale, que a gente se imponha, que imponha as nossas ideias, que a gente consiga chegar cada vez mais longe”, Sabrina Marchioro.

Na própria universidade, Sabrina enxerga exemplos da presença feminina na produção científica. “No curso aqui de Ciências Biológicas, o corpo docente é formado, em sua maioria, por professoras, e são professoras que lideram laboratórios e fazem isso muito bem. É de onde sai a pesquisa do nosso curso e de onde sai grande parte da pesquisa da universidade”. Para ela, essa presença também tem um papel inspirador para as estudantes que estão iniciando na área científica. “Isso é um grande exemplo para as alunas também, para ver quão longe nós podemos chegar”.

***Gilmara de Oliveira Machado***  
***Docente do Departamento de Engenharia Florestal***



No campo das engenharias, a professora Gilmara, do curso de Engenharia Florestal do Câmpus de Irati da Unicentro, desenvolve pesquisas que contribuem diretamente para a preservação ambiental e para o avanço do conhecimento científico.

Recentemente, um trabalho desenvolvido por ela recebeu reconhecimento em um MBA da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP), resultado de uma pesquisa voltada à estimativa da biomassa de árvores sem a necessidade de derrubá-las.

Para a pesquisadora, a relação com a ciência começou ainda na infância, muito antes da carreira acadêmica. “A minha pesquisa começou ainda na infância. Eu sempre faço questão de falar da minha mãe, que foi a grande incentivadora para que eu tivesse a oportunidade de me tornar uma grande cientista desde criança”.

Foi nesse contexto que surgiram as primeiras perguntas que mais tarde se transformariam em investigação científica. “Eu começava a fazer perguntas. Num primeiro momento, me foi ensinado que a árvore tomando sol, ela bebendo água e ela respirando gás carbônico, ela produz a si mesma”. O trabalho premiado utiliza modelos estatísticos e análise de dados para estimar a biomassa das árvores a partir de informações como altura, diâmetro e densidade, sem a necessidade de derrubá-las para medição. “Esse modelo conseguiu chegar a uma estimativa da biomassa dessa árvore sem precisar derrubar mais nenhuma árvore”, explica.

Segundo a professora, compreender essa biomassa é essencial para entender o papel das florestas no equilíbrio ambiental. “A biomassa da árvore é a própria árvore em si. Tronco, casca, raízes, folhas, galhos, tudo isso é biomassa que foi produzida respirando gás carbônico”. Esse conhecimento permite estimar também quanto carbono está armazenado nas florestas, informação fundamental para estudos sobre mudanças climáticas. “As florestas nativas são as grandes soluções dos problemas que a gente tem com relação ao efeito estufa”, pontua a professora.

Para Gilmara, receber o reconhecimento pelo trabalho foi motivo de alegria, mas também de gratidão pela trajetória construída ao longo da vida. “Recebi esse prêmio com muita alegria, com muita satisfação e com o sentimento de agradecimento por ter uma jornada onde eu pude chegar a ser reconhecida por um trabalho de excelência como esse”.

Ao refletir sobre a presença feminina nas engenharias e na ciência, ela destaca a importância da educação que recebeu da família:

“A minha mãe criou as três filhas sem dizer para a gente que porque você é mulher você não pode. Ela sempre falava: ‘Filha, o que você gostaria?’”, Gilmara Machado.

## ***Mulheres que transformam a universidade***

Na Unicentro, mulheres pesquisam, ensinam, inovam e lideram todos os dias. Elas estão à frente de projetos científicos, orientam estudantes, coordenam cursos e ajudam a construir uma universidade cada vez mais diversa e comprometida com o conhecimento. Celebrar o Dia Internacional da Mulher é reconhecer essas trajetórias e destacar a importância de ampliar oportunidades para que mais meninas e mulheres possam seguir seus caminhos na ciência, na educação e em todas as áreas do conhecimento.

**Fonte: Unicentro. Texto: Caroline Albertini.**

## **FUTURAS CIENTISTAS: PROGRAMA DA UERJ INCENTIVA INSERÇÃO FEMININA NAS ÁREAS DE TECNOLOGIA, EXATAS E ENGENHARIA**



Em janeiro, sete alunas do ensino médio de escolas públicas estaduais e uma graduanda participaram, na Uerj, da Imersão Científica 2026 do Programa Futuras Cientistas. Lançada em 2012 pelo Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste (Cetene),

órgão vinculado ao Governo Federal, a iniciativa incentiva a inserção feminina nas áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM, na sigla em inglês). Neste 11 de fevereiro, Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência, conheça o projeto da Uerj “Nanotecnologia e inovação: da mecânica à cosmética”, contemplado no edital do Cetene.

Coordenado pela professora Suzana Bottega Peripolli, o projeto recebe o apoio do Departamento de Inovação da Uerj (InovUerj) e de pós-graduandos, técnicos e docentes da Faculdade de Engenharia (FEN), do Instituto de Química (IQ) e de estudantes envolvidas no projeto de extensão “Elas fazem ciência, sim” e também de profissionais da UFRJ. “O Futuras Cientistas é um projeto de mudança de vida para as meninas, pois elas podem conhecer uma universidade pública com equipamentos de ponta em laboratórios de pesquisa. Este contato traz uma nova dinâmica para a vida delas, expande horizontes com a possibilidade de estudar, ter independência financeira e promover melhorias pessoais e também para a família”, explica Suzana.

“Nas Engenharias, na Física e na Matemática encontramos poucas mulheres atuando. Então, ajudar a promover a entrada de meninas e mulheres na área de STEM é um os objetivos principais do projeto, que traz muito orgulho para esse laboratório”, acrescenta a professora, que coordena o Laboratório Multiusuário de Nanofabricação e Caracterização de Nanomateriais (Nanofab) da Uerj.

Durante o mês, no turno da manhã, foram realizadas atividades práticas multidisciplinares, com abordagens de conceitos de química, física e matemática, nos laboratórios do curso de Engenharia Mecânica, no Complexo Fonseca Teles, em São Cristóvão. Por meio das aulas e oficinas, as alunas produziram batons com cera de abelha, lanolina e manteiga de cacau, conheceram os processos de fundição, corrosão e preparação de amostras metálicas e ainda observaram nanoestruturas.

“A novidade desse ano foi a impressão 3D; trazendo essa parte da manufatura aditiva, como construir componentes depositando o material camada por camada. Além disso, vamos inaugurar no final do primeiro semestre uma sala limpa, laboratório que permitirá o trabalho com dispositivos sensores para alguns tipos específicos de doenças, com controle do número de partículas por metro cúbico, o que exige da equipe uma paramentação adicional”, relata Suzana.



No Nanofab, as estudantes visualizaram as nanoestruturas resultantes da HAP em um microscópio eletrônico de varredura (MEV), equipamento que produz imagens de alta resolução da superfície dos materiais. “Os nanomateriais podem apresentar diferentes tamanhos e morfologias, tais como estrelas, agulhas, esferas ou elipses, cada uma com aplicações específicas. Nesse projeto, mostramos, portanto, que é possível transformar um resíduo, que iria para um aterro sanitário, em um biomaterial de alto valor agregado”, afirma a coordenadora.

Além da imersão científica, as estudantes visitaram o campus Maracanã, onde conheceram as instalações do InovUerj, da Biblioteca Comunitária da Rede Sirius e do pré-vestibular social do Sintuperj e ainda almoçaram no Restaurante Universitário. Após a parte prática, serão realizados encontros remotos durante o mês de fevereiro, por meio de videoaulas ministradas pela equipe do Cetene.

### ***Interesse e representatividade motivam estudantes***

As mulheres representam menos de 30% dos pesquisadores no mundo. No Brasil, esse número chega a 48%, mas cai drasticamente em cargos de liderança. Desde a infância, meninas são menos incentivadas em áreas de STEM, muitas vezes associadas culturalmente ao masculino. Graças ao Programa Futuras Cientistas, as alunas das escolas públicas estaduais selecionadas estão ajudando a mudar esse cenário.

Mirela Isis, de 17 anos, estudante da Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec), de Marechal Hermes, encontra representatividade somada aos novos aprendizados práticos. “Aqui, vemos outras mulheres como nós atuando na área profissional escolhida, transmitindo a ideia de inclusão, que podemos exercer a mesma função, o que estimula a nossa curiosidade em dar os primeiros passos na Ciência”, avalia a jovem, que planeja se dedicar à preparação para o Vestibular.

Participantes visualizam estruturas no microscópio eletrônico de varredura (MEV)

2026 é o segundo ano de atuação de Juliana Ferreira, 20, graduanda de Engenharia Mecânica na Uerj. Ela já participou do projeto como monitora, auxiliando as alunas nas atividades da imersão e, nesta edição, desempenhou as mesmas



tarefas supervisionada pela orientadora, a professora Susana Peripolli. Engajada, a estudante mostra firmeza em seus objetivos. “Pretendo seguir a área da pesquisa e vou entrar no mestrado também na Uerj ainda neste ano. Quero continuar o meu projeto de estudo de dispersão de nanoplaça de grafeno em óleo lubrificante e explorar mais a área de nanomateriais”, afirma.

Já Yasmim Vitória, estudante do Colégio Estadual Olavo Bilac, conheceu o programa Futuras Cientistas enquanto participava de um curso chamado “Meninas da Astronomia”, do Clube de Ciências Suave na Nave. Interessada em atividades extracurriculares, suas expectativas profissionais são “as melhores possíveis” em suas otimistas palavras. “Ainda estou em dúvida se quero cursar Química ou Farmácia. Na escola, vemos muito a parte teórica e o meu objetivo é ter mais contato com a parte prática, enfim, botar a mão na massa mesmo”, brinca.

**Fonte: Diretoria de Comunicação da UERJ. Fotos: George Magaraia**



**Associação Brasileira dos  
Reitores das Universidades  
Estaduais e Municipais**

**Expediente**

*www.abruem.org.br*

*Email: abruem@gmail.com*

*Jornalista responsável - Núbia Rodrigues. DRT:2252-GO*

*Diagramação: Graziano Magalhães*

*Secretaria Executiva: Carlos Roberto Ferreira*

*Secretaria Geral: Denize Alencastro*